



Boletim dos trabalhadores em telecomunicações do DF

Ano XXXI - Nº 184 - Brasília, 07 de OUTUBRO de 2015 - www.sinttel.org.br

Os verdadeiros números da “crise” da TELEFONICA/GVT.

Dados Consolidados da VIVO/GVT

Fonte: www.teleco.com.br

Desempenho Operacional

Milhares	1º Tri/15	2º Tri/15	ΔTri	ΔAno
Celulares	81.879	82.655	0,9%	4,2%
Telefones Fixos	14.856	14.869	0,1%	-
Banda Larga Fixa	6.955	7.077	1,8%	5,9%
TV por Assinatura	1.703	1.786	4,9%	22,3%

Desempenho Econômico Financeiro

Milhões (R\$)	1º Tri/15	2º Tri/15	ΔTri	ΔAno
Receita Bruta	15.912	16.031	0,7%	4,9%
Receita Líquida	10.364	10.428	0,6%	5,4%
EBITDA	3.115	3.132	0,5%	2,8%
Lucro Líquido	471	933	98,%	-
Dívida Líquida	-	4.200	-	(40,3%)



Telefônica pagará R\$ 237 milhões de juros sobre capital a acionistas



Em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) nesta quinta-feira, 20, a Telefônica avisou aos acionistas o pagamento de juros sobre capital próprio no valor líquido de R\$ 201,45 milhões, com base no lucro líquido do exercício do segundo trimestre. De acordo com a empresa, o valor bruto, desconsiderando a alíquota de 15% do imposto de renda, é de R\$ 237 milhões.

O valor líquido por ação ordinária é de R\$ 0,111877632423, e da ação preferencial é de R\$ 0,123065395666. Os juros serão imputados ao dividendo mínimo obrigatório do exercício social de 2015. O crédito dos juros sobre capital próprio será feito de forma individual para cada acionista com base na posição acionária da companhia ao final do dia 31 de agosto.

Fonte: Teletime, ago/15

ATENÇÃO TRABALHADORES SINDICALIZADOS

O Sinttel-DF tem os seguintes convênios: UNIP, CEUBRAS, UPIS, UNIPLAN, IESB, FACITEC, CNA, VESTCON, GRAN CURSOS, UNEB, FACIBRA, (UNESBA) FAMATEC, NT-INTED, Colégio Santa Terezinha, Colégio OBJETIVO, ALUB, Faculdade ANHANGUERA, Faculdade SERRANA, Colégio e Faculdade Projeção, Fisk (Asa Norte).. Confira no sítio do Sinttel-DF a relação de convênios e os descontos para os trabalhadores em telecomunicações, Call centers, tele atendimento, sindicalizados e seus dependentes.

Colaboradora é a tua tia!



Aly Song/Reuters

Texto de João Camargo

<http://p3.publico.pt/actualidade/economia/13867/colaboradora-e-tua-tia>

O plano é evidente: dismantelar o campo do trabalho organizado, da organização dentro dos locais do trabalho, desenraizar as pessoas do trabalho que fazem, individualizá-las, desestruturar a sua vida pessoal, obrigá-las a estar sempre disponíveis para trabalhar, pagar-lhes (se não se puder evitá-lo) quando calha e à peça, tudo o que for preciso para que o salário vá para o fundo, para que o bico fique calado, para que o medo, o ódio e a chantagem sejam as principais relações num trabalho. E para que o plano ocorra com o mínimo de percalços possível, que coisa melhor do que um pouco de psicologia inversa?

Se querem mudar o trabalho, a primeira coisa a fazer é mudar o nome do principal agente no trabalho que é, como o próprio nome sugere, o trabalhador. Para a coisa parecer benéfica, o trabalhador passa a ser colaborador. Parece bem. Estamos a trabalhar para outrem, dando-lhe a ganhar lucro por uma fatia reduzida desse mesmo lucro, a que chamamos salário. Mas se em vez de dizer que estamos a trabalhar, dissermos que estamos a colaborar, parece que estamos a outro nível, que estamos mais alto, em parceria, distribuindo tarefas para um mesmo objetivo final. Quase que nos podiam chamar “sócios”. É esperar algum tempo. Claro que não é de esperar um aumento de salário com a transição de trabalhador para colaborador. Às vezes até é bem ao contrário. Somos promovidos no nome e despromovidos na remuneração. O caso dos colaboradores prestadores de serviço mostra como a distância linguística entre a aparente independência laboral e a dependência económica não poderia ser mais evidente.

Começa nas faculdades, principalmente de Economia e Gestão. A primeira transição mercantilizou linguisticamente os trabalhadores, renomeando-os de “recursos humanos”. Recurso é para explorar, sempre. Mais claro não podia ser. Mas dos recursos humanos para os colaboradores, adoça-se a boca e até parece uma promoção. Só que enquanto o nome promovia o trabalhador, as condições de trabalho degradavam-se através da precarização que, tão chique, se chamava de flexi (tão sexy) e segurança. Enquanto aumentava o investimento em melhoria dos estudos em Economia, Gestão de Empresas, “Recursos” “Humanos”, os recém-formados gurus da organização daqueles antigos trabalhadores, transformavam as pessoas cada vez mais em recursos, e cada vez menos em humanos. Já eram até “capital humano”.

Quando explodiu a crise, a palavra “colaborador” já andava na boca de muito empreendedor, mas com a aceleração da degradação do trabalho, deu-se o “boom”. É que quanto piores são as condições de vida das pessoas, maiores têm de ser as mentiras para mantê-las silenciosas. E é por isso que hoje nos é solicitado, em vez de trabalharmos, que colaboremos. Parece muito menos coercivo e exploratório e até podemos de vez em quando enganar-nos quando vamos trabalhar, achando que temos uma posição que não é aquela da pessoa que faz mais e recebe menos. Como o Orwell ilustrou tão bem no “1984”, as palavras importam. E tal como pedir desculpa não é demitir-se, colaborador não é trabalhador. É pior. É nem reconhecer por inteiro o nosso trabalho que faz as coisas funcionarem. Por isso, da próxima vez que o teu patrão, que te paga 500 ou 600 euros por mês para trabalhar numa empresa que dá lucro, se dirigir a ti falando da “nossa colaboradora”, diz, nem que seja para ti própria: “Colaboradora é a tua tia!” — vais ver que te sentes logo menos colaboracionista.